



# HORIZONTE

JORNAL DO BATALHÃO 2908

SETEMBRO/OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO 1970  
Responsabilidade do Comando B. C. 2908

Composto e Impresso na  
Gráfica de Cera das Raposas  
Vianna do Castelo

N.º 6

## Natal na guerra e paz na terra

«Pelos picadas  
Esburacoadas  
De cada monte  
Baixou o céu  
Rompendo o véu  
Do horizonte  
É a Noite de NATALI»

Corre veloz meu pensamento, através dos espaços, então a saudade e o Amor deram beijos e abraços. É Natal. As pétalas dos astros surgiam no noite mansal Por toda a parte pairava um ar de Mistério, um Hálito de sonho. Era a Noite de Natal. E nos nossos corações, quais flores cortadas no jardim da Primavera, nasceu uma nova luz... Nasceu Jesus!

(Continua na última página)



## EDITORIAL

### Ano Novo! 1971

BATEM A PORTA. OUVES? NÃO É GENTE...  
É O ANO NOVO! É O ANO NOVO QUE COMEÇA!  
FOLHA DO CALENDÁRIO DESPRENDE-TE DEPRESSA!  
VOA PELA JANELA DO MEU QUARTO.

O jornal Horizonte, a todos os seus leitores deseja que mais este ano de comissão, seja em beleza. Consultando os horóscopos e observando as estrelas, chegamos à conclusão de que o Ano de 1971 nos vai pedir muitos sacrifícios. Saibamos ser dignos deles.

Com os votos das maiores felicidades, a todos dedicamos um soneto de FLORBELA ESPANCA:

É ANO NOVO, agora, meu Amor!  
O campo despe a veste de estampanha;  
Não há árvore nenhuma que não tenha  
O coração aberto, todo em flor!

Ah! Deixa-te vogar, calmo, ao sabor  
da vida... não há bem que não nos venha  
Dum mal que o nosso orgulho em vão desdenha!  
Não há bem que não possa ser melhor!

Também despi meu triste Burel pardo,  
E agora cheiro a rosmaninho e a nardo  
E ando agora tonta à tua espera...

Pus rosas côr de rosa em meus cabelos...  
Parecem um rosal! Vem desprendê-los!  
Meu Amor, Meu Amor, é Ano Novo!

Feliz Natal! Jesus Nasceu! Feliz Natal!

# O HOMEM NO MUNDO

COM O PRESENTE TEXTO NÃO SE PRETENDE FAZER UM ESTUDO PROFUNDO NEM COMPLETO DAS MATERIAS VERSADAS, ANTES PORÉM REFERIR FACTOS CURIOSOS

Disse alguém que «o homem é um animal de hábitos» e, de facto, se lançarmos um olhar aos habitantes deste heterogéneo mundo, não poderemos deixar de constatar esse facto.

O homem é um animal de hábitos tanto físicos como psíquicos e a força desses hábitos é tal que chegam a ser tidos como evidentes, inevitáveis e, o que é mais, lógicos. Estamos de tal modo habituados à cultura inerente à nossa raça, país, grupo social ou família que dela já não nos apercebemos sequer; a sua aprendizagem é praticamente automática, põmo-la em prática automaticamente e é automaticamente ainda que a transmitimos aos nossos filhos. O mais das vezes ela só é efectivamente notada quando colida com culturas estranhas que por qualquer razão se estão a infiltrar no nosso meio.

Por esse mundo fora tudo pode ser diferente daquilo a que estamos habituados: artes, jogos, classificação do parentesco, o casamento e suas implicações, boas maneiras, organizações sociais, tabus, etc.

Lançemos um olhar sobre um desses hábitos culturais, que até pode caracterizar um povo ou uma pessoa: o vestuário.

Bem sabemos a importância que é dada ao vestuário, no ambiente cultural em que se vive. O vestuário não se destina só a proteger o corpo, a proporcionar conforto a quem o veste, ele respeita directivas sociais. Imperativos de natureza religiosa ou clânica, o nível social, as funções a desempenhar, o sexo, a idade, etc., condicionam o traje. Um respeitável homem de negócios não veste do mesmo modo que um estudante ou um sacerdote; uma mulher que enverga num dia frio e chuvoso uma saia, não está a procurar conforto, mas a seguir, a respeitar um ditame cultural. Entre nós a mulher é que usa saia; em certas regiões da China por ex., são os homens que usam.

Nos países ditos civilizados com o advento das telecomunicações foi possível, e deu-se em certa medida, uma interpenetração de

culturas. Todavia nas sociedades primitivas mais fechadas, ou de mais difícil acesso, subsistem padrões culturais bastante antigos e característicos.

Como exemplo desses hábitos adquiridos, conservados e transmitidos de geração em geração podemos citar:

— enquanto as mulheres ocidentais se sentiriam embaraçadas com a exibição dos seios, mulheres de certas tribos africanas sentir-se-iam embaraçadas do mesmo modo, mas se fossem vistas sem uns discos de madeira que usam introduzidos nos lábios;

— na Malásia um homem não se considera propriamente vestido se não se fizer acompanhar de uma espécie de punhal de lâmina flamejante, chamado «Kris». A riqueza e tipo de adornos do mesmo dá sempre indicação do nível social de quem o usa;

— as mulheres adultas Witoto (índios da bacia do Amazonas) nas ocasiões festivas usam decorações pintadas no corpo em vez de vestuário; por outro lado as noivas persas vestem-se de tal modo que nenhuma parte do corpo é visível;

— no antigo Japão o uso de duas espadas era exclusivo dos samurai; o povo nunca podia usar espada;

— os mulçumanos tiram os sapatos à entrada dos templos, enquanto os cristãos tiram o chapéu e os judeus o põem na cabeça;

E poder-se-ia continuar a citar exemplos sem fim de costumes estranhos do ponto de vista dos nossos padrões culturais.

O vestuário pode ainda adicionalmente ter significação própria. A título de exemplo pode-se citar que há certos adereços e peças de vestuário que são em algumas regiões tidas como orações mudas, para quem os usa — certos povos do norte do México (os tarahumaras) andam, nessa ordem de ideias, literalmente vestidos de orações. Nas sociedades militares, todos conhecemos o apreço dado ao vestuário vistoso, aos doura-

dos, às fitas coloridas, às peças metálicas penduradas no mesmo, etc., que têm significado próprio e bem conhecido.

Cada grupo cultural tem os seus padrões que defende ciosamente, não permitindo qualquer desvio das regras estabelecidas, sob pena de punições graves. Quando não há punição física há, por ex., o desprezo social, que nos casos mais graves pode ir até ao ostracismo, a castigar os infractores. Na nossa sociedade há coisas que não se podem fazer «por-

que parece mal...», «porque as pessoas podem reparar...»

Cada grupo, como se disse no início, julga os seus padrões culturais evidentes, inevitáveis, lógicos e perfeitos. Todavia ante tais certezas, tais intransigências, tais obtusidades, depois de pensarmos na validade real desses costumes, alguns manifestamente incómodos e inadequados (veja-se a aflicção com que certas pessoas se batem contra a abolição desse pedaço de pano que se costuma usar pendurado no pescoço chamado «gravata» e que não serve para nada) não podemos deixar de sorrir...

ALF. MIL. I. FÉLIX-ALVES  
(C. C.A.C. 2669)

## Estranhos costumes do continente negro

A poligamia é regra comum na África e, coisa estranha, é aprovada pelas mulheres. Quando se lhes diz que entre os brancos não se permite ter mais do que uma esposa, dizem logo que não desejariam habitar em tais países. Na sua opinião um homem que se preza deve ter várias mulheres como prova da sua fortuna. As mulheres são destinadas a trabalhar nas machambas e, quanto mais numerosas forem, maior é o terreno cultivado e mais rico se torna o marido. As negras não são ciumentas, a prova é que, um bebé negro, de sorriso luminoso, tem tantas mããs quantas as mulheres que seu pai possui; passa de um peito saboroso para um peito generoso, e mama em todos os seios que encontra. Cada uma dessas mães de ocasião contempla-o com olhos doces como a noite. Tudo isto mostra a fragilidade das ideias absolutas.

A «Grande Mulher» a chefe do rebanho não é uma favorita que deve o seu império à beleza ou à riqueza. É apenas, por ser a mais antiga. Não obstante o desgaste dos anos que já lhe engeharam as faces, conserva, apesar de lânguida e cansada, influência sobre o marido e a supremacia sobre as novas esposas, que chegam uma após outra, ou várias ao mesmo tempo. Os conselhos da «Grande Mulher» são escutados, tem direito a todas as atenções, goza de imunidades especiais, dirige a casa, trabalha pouco, reina sobre o rebanho conjugal do marido e policia-o.

Aquele que casa pela primeira vez tem o dever de construir uma palhota e ter o dinheiro necessário para comprar a mulher. Depois vão ao ferreiro que meta nos braços da noiva duas argolas de

ferro. Não obstante este acto de aço, os laços são efémeros porque o casamento destaz-se com tanta facilidade como aquela com que se fez. A noite de núpcias passa-se em danças. É de bom gosto que os amigos e parentes da noiva a escondam ou se recusam a entregá-la, antes de terem experimentado a força do recém-casado. A breve fecundidade das mulheres dá motivo a que se casem demasiado cedo. Uma rapariga não tem tempo de subir a verde colina da mocidade. Com o coração pouco atormentado pelo futuro, casa-se, por vezes aos dez anos e é mãe aos 14 anos. Aos 20 anos já é velha e com a pele enrugada; e ainda embora jovem pela idade, já mastigou a erva amarga da experiência da vida. Podia dizer como o provérbio árabe: O amor dura sete segundos, a fantasia dura sete minutos e a miséria toda a vida.

O casamento é um negócio comercial e não um caso de amor. O marido que compra a mulher nunca tem pressa em concluir o negócio.

Muitas vezes a rapariga que ele pede em casamento não passa de uma criança, cujos seios mal desmontam e que fica sob a tutela da grande mulher do marido que se compraz na fina especiarria das vidas inocentes. Os parentes não se casam entre si. Este rigorismo em matéria de casamentos consanguíneos é notável nesta gente, muito vizinha do estado selvagem.

O leitor já deve ter deduzido que, na África a sorte das mulheres não é invejável. Compradas pelo marido, vaidoso como um pavão e satisfeito pelo grande nú-

(Continua na página seis)

# ○ Distrito de Niassa

O Distrito do Niassa tem uma configuração que lembra um quadrilátero irregular, limitado a norte pelo rio Rovuma, desde a foz do rio Lugenda ao do Messinge e, deste último ponto, por um paralelo que vai atingir o lago Niassa; a sul pelo rio Lúrio; a leste pelas margens do rio Lugenda e a oeste por uma linha convencional sobre a divisória média das águas do lago.

Dentro dos limites desta vasta área de cerca de 120.000 km<sup>2</sup> vivia antes do terrorismo, uma reduzida população de cerca de 220.000 indígenas; Com o êxodo das populações após o começo do terrorismo, o grande distrito do Niassa tornou-se um imenso deserto.

Diversos factores concorriam para o escasso povoamento do Niassa; para os nativos, o clima demasiado fresco e para a população europeia, o isolamento.

## SISTEMA MONTANHOSO

Todo o Distrito do Niassa é essencialmente montanhoso. De facto, há uma enorme extensão de território com uma altitude média da ordem dos 1.000 metros. Porém, só a faixa sobranceira ao lago se pode considerar montanhosa, e mesmo aí a cota máxima não chega a ultrapassar os 1.850 metros no monte Txitongo.

O distrito pode ser dividido em duas zonas; a de altas cotas desde os mil metros, junto da fronteira S.W. até às máximas elevações dos 1.850 m. perto da linha de delimitação fronteiriça do Norte; e a da zona média, em que as altitudes vão, gradualmente decrescendo do oeste para leste, até que junto às fronteiras do Distrito, desçam à ordem dos 400 metros.

Espalhadas pela zona alta há várias planícies onde correm os maiores rios além de uma série de enormes riachos que secam na época estival. Assim, temos o da Lixinga, onde se situa Vila Cabral; o do Lunho contornado pelo rio do mesmo nome; e a irrigada área periférica do MONTE UNANGO.

Na zona média, abundam as grandes baixas, rodeando abruptas elevações onde na época das chuvas, se formam vastas eleva-

ções lacustres ou, mesmo lagoas de terrenos alagadiços e águas estagnadas.

Todo o sistema montanhoso do distrito é constituído por quatro nervuras orográficas que forma as seguintes cordilheiras:

**MACIÇO DO XITETE.** Assim chamada no meio indígena, embora logicamente se devesse chamar Txitongo, pois é esta a sua maior altitude. Este maciço, que ocupa uma estreita faixa de cerca de 30 kms. separa as águas do rio Messinge das do Lago e contém as maiores altitudes do Niassa.

Orientadas sensivelmente no sentido N—S. as maiores elevações são as seguintes: Xaússa (1 795 m.), Txingela (1 787 m.), Langalanga (1 680 m.), Liuto (1 731 m.), ISSANGA (1 703 m.), Txitongo (1 848 m.), Matuimba (1 682 m.), Xitete (1 517 m.).

## CORDILHEIRA DA MESSENGA

Esta cadeia montanhosa é constituída pelos montes **Bemba** (1 559 m.), Serra Jéci (1 836 m.), Serra de Macuta (1 820 m.), Pico Chitagalo (1 803 m.), monte chilungo (1 650 m.) e monte Sanga (1 798 m.). É esta muralha montanhosa que separa as águas do rio Messinge das do rio Lucheringo.

## CADEIA DE MONTANHAS DA METÓNIA

A serra de Metónia, por alguns denominada «a Suíça do Niassa», em virtude das belas paisagens que oferece. Metónia na língua indígena significa «a Bela» tal é a beleza que do alto oferece aos turistas que a visitam. É constituída pelos montes Mecuía (1 738 m.), Changaússa (1 704 m.), Massalé (1 164 m.), Oizulo (1 356 m.). É esta muralha montanhosa que separa as águas do rio Messinge das do rio Lucheringo.

## CADEIA DAS SERRAS DO MITÚCUE

Esta cadeia de serras, separa as águas do Rio Lugenda das do rio Lúrio. É constituída pelas serras de Mussanga (1 255 m.), Tirasulo (1 198 m.), Mitúcue (1 803 m.), Txatxé (1 324 m.), etc.

## SISTEMA FLUVIAL

Os rios do Niassa, que abundam por todo o Distrito, sofrem as contingências das duas estações tropicais — a da seca e a das chuvas. Na época das secas, rios relativamente grandes, encontram-se secos. O tempo das chuvas começa em Novembro e termina em Março-Abril. Em regra as maiores cheias registam-se em Janeiro. As águas sobem a mais de 10 m. do nível normal e chegam, por vezes, a atingir regiões situadas a uma dezena de km. A impetuosidade das águas arrasta consigo todas as pontes careais, que se fizeram durante a época seca. Torna-se difícil, quando não perigosa a transposição desses cursos de água. Em Março, após uma derradeira enchente, o caudal dos rios começa a diminuir. Só então é que os indígenas se atrevem a navegar os rios com as frágeis jangadas, começando o intercâmbio comercial ou então para visitar a família e os amigos das regiões limítrofes.

Quando se chega ao mês de Maio já alguns dos mais pequenos rios começam a secar. Começa então a intensa faina da pesca. Constróem-se pequenos açudes de pedras, paus, ramos e bambú, pelos quais se escoam as águas. Os peixes caem assim nas armadilhas feitas de verga, junquillo e bambú. Num ou noutro local colocam-se armadilhas mais potentes, constituídas por covas profundas onde se enterram paus aguçados que acabam por dilacerar as entranhas do hipópótamo ou do jacaré que ali cair. Grande parte da vida dos nativos passava-se junto às margens dos rios do Niassa, até que os efeitos da estiagem se comecem a sentir, transformando os leitos em areais. O indígena espera então pacientemente a nova época das chuvas.

## O RIO ROVUMA

É o limite da fronteira norte de Moçambique. Aos nossos navegadores não passou despercebido, pois Camões a ele se refere embora confundindo-o com o rio Obi. Mapas antigos representam o Rovuma dando-lhe como origem os

montes da Lua ou segundo a teoria árabe seria apenas um dos escoamentos dos grandes lagos existentes no interior Africano ideia que prevaleceu até aos princípios deste século, desfeita pelas investigações então feitas.

Para os crédulos indígenas águas e macuas, continua a ser a «fronteira do mal», donde outrora vieram os ferozes Maguan-guans e donde tinham acabado de chegar os terríveis alemães... e em cujas águas se albergavam horrendos peixes eriçados de monstruosos picos! Os nativos que viviam junto às suas margens continuavam a atravessá-lo ignorando que ele era a fronteira norte de Moçambique. Só em 1960 é que foi organizada a primeira expedição destinada ao reconhecimento do rio. Nos primeiros dias de Agosto, um pequeno barco pneumático, levando 4 homens — Nuno Valdez dos Santos, o Alferes Medina Ramos, o 1.º cabo João Jones, além de um guia nativo, deixou o ponto de confluência das águas do Messinge com as do Rovuma, perto de Mitomoni, e começou a descer o «Rio Grandioso» dos Angónis. Durante 30 dias o pequenino barco deslizou pelas águas do Rovuma em direcção à foz. Junto às margens foram encontrados indígenas que pela «primeira vez» viam «homens brancos».

São diversos os afluentes que desaguam no Rovuma, sendo os mais importantes os rios **Messinge**, **Liunde**, **Lugulúzia**, **Lucheringo**, **Sussanhando**, **Chilulézi** e **Lugenda**.

O **Messinge** que nasce no planalto de Maniamba e após correr apertado entre as serras de Juzgombe e Macuta conta como afluentes o Chipinde, o Tambore o Xitope, o Nacuáli, o Cheúne e o extenso Moola que nascendo perto do monte Sanga vai engrossando o seu caudal com as águas de vários afluentes.

No planalto da Lichinga, perto de Vila Cabral, nasce o rio **Lucheringo**, que em extensão e importância se situa logo a seguir ao Lugenda e ao Lúrio. Recebe vários afluentes como o Lulimbo, Mjungo Naissanga, Lucuise, Nanduece, Luculece, e Sualece. Mas o mais importante afluente do rio Rovuma é o **Lugenda**, que, numa extensão de 450 kms., atravessa o distrito do Niassa, no sentido SSW — NNE.

O segundo rio do distrito do Niassa, é o **Lúrio** que desagua directamente no Oceano Indico.

(Continua na página quatro)

## ARAME FARPADO

### O mundo actual e a juventude

Os problemas da juventude e a sua posição no Mundo actual constituem temas que estão na ordem do dia e a respeito dos quais têm corrido «rios» de tinta.

Valerá, então, a pena retomar um assunto, que tem sido tratado de ângulos tão diversos e em tão variados aspectos?

Poderemos alimentar a ilusão de dizer alguma coisa de novo? Mesmo com a certeza antecipada de o não conseguir, acreditamos que vale a pena reflectir, não só no problema, em si mesmo, mas também nas variadas e contraditórias tomadas de posição, que tem suscitado.

Uma grande parte dos homens de cinquenta anos considera a Juventude actual como um «caso perdido» e lamenta, com maior ou menor sinceridade, a «Belle-époque» da sua vida em que tudo era diferente, melhor, mais humano, mais digno de ser vivido.

«Teddy-boys», «beatniks», «hippies», cabeleiras compridas e racionário curto, delinquência, perversão e crime eis a ideia (aliás muito espalhada) que fazem os «Honestos homens» da geração dos Jovens contemporâneos.

Identificar a Juventude actual com delinquências juvenis (infelizmente em número apreciável) ou confundir grupos de psicopatas, com associações legítimas e do maior interesse é não apenas uma tremenda injustiça, mas uma posição altamente nociva. Será que os jovens operários, os jovens camponeses e os jovens estudantes (universitários ou não) que trabalham em todo o Mundo, conscientes da sua posição e das suas responsabilidades (que constituem a esmagadora maioria, podem ser julgados pela mesma bitola com que se apreciam os bandos de semi-selvagens, expressão gritante da decadência de certos meios?

Esta é, embora pareça estranho, um dos mais grosseiros erros de apreciação que, com muita frequência se vêem cometer. Argumentar-se-á que a delinquência juvenil tem vindo a aumentar, de forma alarmante, mesmo em países ditos civilizados, mas isso é

já uma outra questão. Por agora, convenhamos apenas em que não é legítimo identificar a Juventude actual com uma pequena minoria, significativa é certo do apodrecimento de determinadas estruturas socio-culturais, mas de forma nenhuma decisiva na evolução e no progresso das sociedades humanas. Toda a Juventude é inquieta. Dela somente se pode esperar impulso no sentido melhor; jamais dos bolorentos e dos senis. E só é Juventude a sadia e iluminada, aquela que olha para a frente e não para trás: nunca os moços decrepitos, prematuramente domesticados pelas superstições do passado.

Se é verdade que o conflito de gerações existiu desde que o Homem existe, não é menos certo que adquira nos dias em que vivemos aspectos e acuidade muito especiais como não podia deixar de ser dadas as características históricas da nossa época.

É um lugar comum, uma banalidade mil vezes repetida, que vivemos uma época ímpar na história da humanidade: a Idade da Ciência.

O mundo transforma-se radicalmente perante os nossos olhos e muitas vezes perante a nossa perplexidade. O que ontem levava séculos processa-se agora em anos. O que há pouco parecia delírio de ficção científica é agora de um corriqueirismo assaz notável.

É neste Mundo novo, que está nascendo, que os jovens terão de assumir primordial papel.

Mundo contraditório, em que têm sido possíveis os massacres atómicos nos campos de concentração, as guerras de extermínio.

Contradições monstruosas: — com a utilização da energia nuclear o Homem pode destruir tudo quanto de belo e de bom se construiu através dos séculos ou criar as bases indispensáveis para uma vida livre e feliz para toda a Humanidade.

Como, pois, entender que os jovens de hoje pensem como pensavam há 20 anos? Como esperar que acreditem e adoptem valores morais caducos ou mortos?

## O Distrito de Niassa

(Continuação da página três)

Nasce, segundo o Mapa de Moçambique editado em 1947, a 60 kms. a Leste do lago Chirua... Até desaguar directamente no Índico percorre cerca de 500 kms.

### O AMANHÃ DO NIASSA

As terras do Niassa são uma janela aberta sobre o futuro. Durante dezenas e dezenas de anos, em que Moçambique pautou o seu desenvolvimento pelos interesses do trânsito internacional, os longínquos sertões do Niassa dormiram o pesado sono do desconhecimento e do desinteresse. Longe de um litoral semeado de pequenos portos sem importância, pouco habitado e sem grandes riquezas minerais, o distrito do Niassa é apenas uma realidade administrativa sem significado económico. De longe a longe uma escassa centena de palhotas, deeadas de mal amanhados campos de milho, mampira e mandioca, umas rudimentares estradas cafreais, mais além o minúsculo aglomerado humano de uma administração. No mato... o silêncio da solidão e, nesta vida sossegada de há meia dezena de anos,

o Niassa parecia não ter problemas, e por isso foi gradualmente caindo no esquecimento das autoridades. Hoje com o terrorismo que o ameaça, o problema ainda mais se complica. Sem vias de comunicação, com uma população indolente agrupada à volta dos quartéis ou destacamentos militares, o grande distrito do Niassa, que muitos chamam o celeiro do Niassa, não passa de uma imensa floresta virgem. Para além do Rovuma estende-se uma Tanzânia cobiosa. O Niassa, se é para Moçambique a esperança do futuro é também a porta imensa aberta sobre o Rovuma que sempre foi e continua a ser para os pobres nativos a fronteira do mal, fonte de todas as calamidades que assolavam as suas terras.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

## Poema do Natal

É NOITE,  
É TRISTEZA,  
É SOBRESSALTO.  
ALÉM NO ALÉM,  
ALMAS ANSIOSAS.  
OLHOS CHAMEJANTES  
NOITE DE NATAL.  
NOITE DE IGNORADOS,  
NOITE DE HERÓIS,  
NOITE DE HOMENS,  
NOITE DE SOLDADOS,  
MAS EIS QUE SURGE  
UMA CHAMA DE ESPERANÇA.  
JÁ NÃO HÁ TRISTEZAS,  
JÁ TUDO É IGUAL,  
PORQUÊ?...  
NASCEU JESUS.  
É NATAL...

António Ribeiro  
Fur. Mil.º

3.ª C. Caç./B. Caç. 20

FIM

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

# UGANDO:

## NÓS (da C. Caç. n.º 2668)

Ao ser integrada no Batalhão de Caçadores n.º 2908, a Companhia de Caçadores n.º 2668 segue em missão de soberania, por dois anos, para a nossa Província Ultramarina de Moçambique onde chega a 21 de Fevereiro do presente ano.

Tendo-lhe sido entregue o aldeamento de UNANGO, a sessenta quilómetros da cidade de VILA CABRAL e uma zona circunvizinha de mil quilómetros quadrados para patrulhar e assim manter segurança a um milhar de irmãos nossos já recuperados ao inimigo, que labutam para retomar a região mais próspera, a Companhia de Caçadores n.º 2668 vê aqui começar o trabalho que lhe foi confiado, pela Nação, quando da sua nomeação para terras de Moçambique.

Desde da chegada até hoje muito se tem feito mas muito mais se espera fazer para que todos os Oficiais Sargentos e Praças que a compõem, quando chegarem à Metrópole possam fazer o mesmo que fizeram os que para cá vieram desde 1964, no cais de desembarque — desfilar de cabeça erguida orgulhoso do dever cumprido.

Como esperávamos as condições de trabalho são débeis e não fosse a «boa vontade» todos os militares nunca seria de esperar uma Comissão cheia de êxitos. É intenção de todos nós podermos colher os frutos desses êxitos ao fim da Comissão a que fomos destinados. Para isso começou-se desde início a trabalhar, em todos os aspectos, com aquela fé já tão própria de «SOLDADOS PORTUGUESES».

O campo psicológico é o que se destaca mais em toda a nossa acção.

É nos grato ver, todos os dias, crianças e velhos, numa média de cento e cinquenta, junto à escola primária, receber as três refeições oferecidas e confeccionadas pela Companhia.

Na época das colheitas a fatura é animadora. O transporte de gêneros para o aldeamento seria cansativo e levaria vários dias. A fim de evitar tudo isto e de poupar a população, em coordenação com a administração, te-

mos fornecido viaturas para o transporte dos mesmos.

O aldeamento está a aumentar de um modo assustador graças à ajuda que a Companhia tem dado na aquisição do material empregue na construção das palhotas.

As vias de acesso ao Aquartelamento, ao aldeamento e à pista de aterragem, devido às chuvas, estavam em precárias condições, quando cá chegámos. Em acção conjunta, com alguns elementos da população, já se arranhou tudo. Presentemente torna-se fácil transitar nelas.

No aspecto sanitário eram enormes e de toda a espécie as doenças quando cá chegámos. O trabalho intenso de todo o serviço de saúde fez com que todas essas doenças fossem combatidas e aniquiladas. Doenças contagiosas eram em grande escala devido à falta de higiene. Temporariamente reúne-se toda a povoação e o médico, tendo como porta voz um intérprete, faz ver a todos a necessidade de higiene. O que estava ao nosso alcance foi feito, neste capítulo: secagem de pântanos e uma limpeza geral e em profundidade a toda a zona. A segurança à doença continua com consultas diárias feitas pelo nosso médico à população.

É de realçar o convívio franco que todos os militares têm ao lidar com a população. Dá gosto ver, fora das horas de trabalho, passarem momentos no aldeamento conhecendo os costumes do povo indígena, aprendendo a sua língua, compartilhando os momentos com eles e até dividindo, no princípio do mês, alguma quantia do seu pré, com as crianças.

No aspecto operacional, como de quadrícula que é, a nossa Companhia tem-se limitado à segurança do aldeamento, das picadas e fazendo esporadicamente operações a grande nível. Mesmo assim já é de salientar a nossa acção neste campo. Numa emboscada montada pelas Nossas Tropas conseguimos capturar ao inimigo três mulheres e cinco crianças que neste momento já se acolhem à sombra da bandeira verde rubra.

Na promoção social temos graduados nossos instruindo elemen-

tos da população com idade, não escolar. Todos os dias uma hora de manhã e outra de tarde lá estão eles entregues aos afazeres escolares.

Quanto à nossa vida interna foi-nos legado um Aquartelamento com poucas condições de vida, por isso tempos melhorado e até construído novas instalações.

Em questão de melhoramentos mudamos as instalações sanitárias existentes para outras novas porque as que tínhamos são ofereciam as mínimas condições higiénicas. Melhorámos os balneários porque os que tínhamos devido ao intenso uso, já se encontravam danificados. Construímos um campo de futebol de salão que também serve para a prática do voleibol. Como os nossos soldados não tinham refeitório para comer,

edificámos um que no tempo das chuvas já oferece garantias.

Quanto à segurança, fortificámos a rede de arame farpado, construímos postos de sentinela e abrigos à prova de armas pesadas.

Ao fim dos primeiros meses de Comissão, os militares da Companhia de Caçadores n.º 2668 têm continuado obra deixada pelos seus antecessores, obra ainda pequena em comparação com a imensidão das terras de Moçambique, mas tornar-se-á maior com o rodar dos meses e no fim da Comissão, será então, muito grande. Digna da 2668.

ASSIM O ESPERAMOS...

A. Pessoa  
Alf. Mil.º

## A CHINA

### à conquista da África

Poucos são já os portugueses que desconhecem a origem do material de guerra utilizado pelos bandoleiros que se infiltram em Moçambique através das fronteiras com a Zâmbia e a Tanzânia. Os soldados pela dura experiência dos combates, das emboscadas, dos assaltos aos acampamentos onde apreendem material, ou das minas levantadas nos itinerários e os civis pela visita às exposições, ou através de documentários nos diversos «écrans» dos cinemas portugueses.

Dentre todo o material que profusamente identifica os países originários, avulta a contribuição da China em armas ligeiras ou pesadas, em minas e em munições. Tal facto demonstra um extraordinário interesse dum potência comunista sem tradições africanas, que se apresenta como um valioso e desinteressado defensor dos «povos oprimidos da África, Ásia e América Latina». Todavia, se quisermos avaliar bem das intenções que se escondem por detrás de tão falsas aparências, iremos encontrar a verdade crua dos propósitos que trazem da China ao Continente Africano e as razões fundamentais que a levam a assumir um papel preponderante na direcção, preparação e municiamento dos grupos bandoleiros que nos atacam e a soldo de quem

trabalham, roubam, matam, chinam e violam.

Para além de algumas razões de ordem política, verifica-se que a China de Mao-Tsé-Tung constitui o maior formigueiro humano do Mundo.

Nos princípios do século XX existia 1 europeu por cada 2 asiáticos, mas ao findar este século em que vivemos e nos primeiros anos do século XXI, essa proporção terá subido para 4 asiáticos para cada europeu. A China, por si só, terá 1 bilião e duzentos milhões de habitantes, que corresponderão a um quinto, ou talvez até um quarto da Humanidade. Estes números, dum grandeza extraordinária, constituem para a própria China um pesadelo que procura aliviar através dum política expansionista que alargue às suas dimensões humanas as fronteiras geográficas da sua influência e do seu efectivo domínio.

Estes números explicam, por si sós, a agressividade chinesa no mundo, agressividade que começa nas suas fronteiras com a Rússia e outros países vizinhos e se estende aos países da América Latina e da África, cujo verdadeiro assalto se iniciou pela Tanzânia, se alargou à Zâmbia, se fixa no

(Continua na página seis)

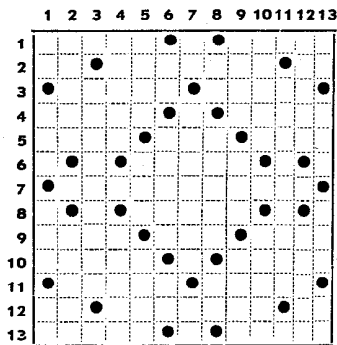


# PASSATEMPO



\*\*\*\*\*

## Palavras cruzadas



ALFARAÚJO

### PROBLEMA N.º 2

#### HORIZONTAIS

1— Erva; indivíduo a quem foram funestas as suas elevadas pretensões ou ambições (fig.)

2— Fluido transparente e invisível, que forma a atmosfera; género de grandes caranguejos, de que há várias espécies; antiga cidade.

3— Recíproco; insígnia de posse ou de autoridade.

4— Configuração; aquele que governa uma abadia.

5— Sentimento ou pesar pela morte de alguém; relação; terra arroteada própria para cultura.

6— Terra portuguesa.

7— Ajudariam.

8— Sôfrega.

9— Nome de rio; ferro, combinado com carbono e susceptível de endurecer pela ténpera; tronco de videira.

10— Resto de edificio desmoronado; pequeno insecto ortóptero, que sendo macho, produz um ruído especial com o atrito das asas.

11— Nome de deserto africano; reunião de palavras que formam sentido completo.

12— Antes de Cristo; marca de viaturas muito utilizadas no Exército Português; articulação das falanges dos dedos.

13— Lance no jogo de xadrez (pl); líquido que se separa dos grumos do sangue, depois que este se coagula (pl).

#### VERTICAIS

1— Cabelo branco; designação abreviada do clube brasileiro «Fluminense»; preposição; antes do meio-dia.

2— Munici de armas; acção de buscar.

3— Inflamação, caracterizada por manchas, raramente persistentes, e que produz um prurido semelhante ao que a urtiga produz sobre a pele.

4— Língua ou faixa estreita de terra, que liga duas partes de um continente e separa dois mares; madeira escura e resistente (inv.).

5— Povoação de Moçambique; tribo, formada por certo número de famílias, entre os antigos Gállos. Escoceses e Irlandeses; climas.

6— Abreviatura de Noroeste; mulher que tem cabelo ruivo ou loiro-avermelhado; viração.

7— Antiga nota musical; entrada de edificio nobre; sexta nota da moderna escala musical.

8— Partícula que, no dialecto românico falado ao sul de Loire, significa sim; enlaçado; letra grega.

9— Espaço de terra cercado de água por todos os lados; altar; rocha formada de grãos de areia fina.

10— Edificio religioso em Meca, da particular veneração dos Muçulmanos; povoação portuguesa.

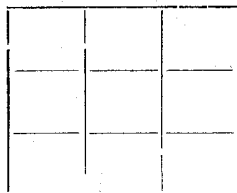
11— Inconstantes.

12— Apelido de um músico ligeiro, actualmente actuando em Moçambique; chieio.

13— Sufixo designativo de profissão; pequena argola; cada um dos dois corpos que uma corrente eléctrica desagregou; artigo definido e pronome demonstrativo.



## A dança dos números



Veja se é capaz de colocar os n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, de tal forma que em todas as direcções, incluindo as diagonais, consiga perfazer 15.

BORGES DA CUNHA  
Furr. Mil.º

## RISO DE RAJADA

Na cadeia:

O guarda para o preso, que é um banqueiro:

— Porque é que você aqui está?

O preso:

— Por ter perdido o combóio.

O guarda:

— Como! Não foi decerto que o prenderam.

O preso:

— Foi, foi! Se não fosse isso eu tinha passado a fronteira!

\* \* \*

Uma senhora pergunta por inadvertência ao cavalheiro cujo pai havia morrido dois anos antes:

— E seu pai, como vai?

E o outro:

— Não sei, minha senhora. Não o tornei a ver depois que morreu.

## Estranhos costumes do continente negro

(Continuação da página dois)

mero delas, que é prova irrefutável da sua fortuna, as mulheres são para ele meras escravas. Quando jovens, o marido faz delas um objecto de luxo, mesmo até de comércio cujos lucros reivindicava para si como se fossem de uma mercearia. Quando, da sua beleza, não lhes resta mais do que a recordação, caem logo em desagrado do homem.

Educados numa vida de sujeição, acham, todavia, muito natural este rigor. Num país onde faltam meios de comunicação e as bestas de carga, são ainda as mulheres que os substituem, enquanto o marido bebe o mágico vinho que doutra as ideias.

Só por acaso o marido se ausenta deixa fechadas as mulheres que o não acompanham. O marido é ciumento não da sua mulher, mas dos seus direitos sobre ela. Na África o coração também tem os seus ventos contrários e as suas tempestades. Os casos de infidelidade resolvem-se sempre à base duma certa quantia de dinheiro que o amante tem de pagar ao esposo ofendido. O que este voluntário orelha mais deseja é que eles reincidam: dar-lhe-ão proveito. A mulher é fustigada pelo seu gosto pelos outros homens e obrigada a trabalhos pesados. O que é de estranhar é que nunca se ouvem queixas sobre o rigor da sentença. As mulheres negras aceitam-nas com estoicismo, tão habituadas estão às violências pouco sedutoras e tão pouco conhecem o caminho da Felicidade.

O casamento que tantos cuidados causa na Europa é, para os negros de África, um excelente negócio. Quantos mais filhos houver mais se ganha! Logo que desponta o dia os mulheres vão para o campo buscar lenha e alimentos; é ainda ela que pesca, cava, e cuida do gado. Os filhos logo que têm algum vigor físico, são obrigados a segui-la e ajudá-la.

Aos cinco ou seis anos de idade, tornam-se úteis escravos para seu pai e tirano, e o cúmulo da riqueza neste mundo atrasado é ter uma família muito numerosa.

De: «Estranhos costumes do Continente Negro»

## A CHINA à conquista da África

(Continuação da página cinco)

Congo (Brazaville), procura cercar o Congo (Leopoldville) e se afirma nas fronteiras de Moçambique, erguido em baluarte de resistência ao imperialismo amarelo.

Mão-Tse-Tung, em 6 de Novembro de 1938, declarou ao Comité Central do Partido Comunista Chinês que cada comunista tinha de compreender «que o poder político sai do cano da espingarda». Se esta afirmação deixasse dúvidas no espírito do mais ingénuo, o próprio Mao se encarregaria de as dissipar quando afirmou que «o comunismo não é amor, o comunismo é o martelo que utilizamos para destruir o inimigo». E inimigo do comunismo é da China, são todos quantos se não vergam aos seus desejos.

É este martelo de que Mao-Tse-Tung fala, que se ergue ameaçador às fronteiras de Moçambique, empunhado pelos chineses que nos campos de treino abertos na Tanzânia ou na Zâmbia instruem os grupos de bandoleiros que depois se infiltram pelas fronteiras de Cabo Delgado, do Niassa ou de Tete.

Moçambique, na estratégia do comunismo de Pequim, é um pedaço do mundo que a China deseja governar e explorar com os seus milhões de chineses.

A guerra que nos movem, integra-se perfeitamente neste capítulo da estratégia chinesa, mas um capítulo que esbarrou contra a firme determinação dum Povo e se desfaz contra a barreira firme dos peitos duma juventude disposta a não desmerecer da juventude de todas as gerações, que fez esta grande Nação pelo Mundo repartida.

# PASSATEMPO CULTURAL

## Origem dos tratamentos de beleza

Sete mil anos nos separam dos primeiros testemunhos sobre os cuidados de beleza. Foi necessário profanar túmulos para recuperar esses preciosos documentos. O EGIPTO dos FARAÓS e o Vale dos Reis permitiram ao historiador fazer uma ideia a respeito da concepção da beleza 5 mil anos antes da nossa era.

As pinturas murais e os diversos objectos encontrados nos túmulos dos senhores do EGIPTO levam-nos a supor que foi de facto nas margens do NILO que surgiram os primeiros cosméticos. A crença na sobrevivência da alma na conservação dos corpos após a morte levava os sacerdotes a fabricar os produtos necessários à unificação, produtos complexos e perfumados que eram destinados, na sua origem, a agradar aos deuses. O túmulo do grande Tutankhamon revelou o aroma de um perfume de rosas e descobriu-se a fórmula de um óleo unicamente destinado a ungir a estátua de Hcthor.

Imagina-se facilmente como a mulher egípcia pôde ser tentada a utilizar esses produtos odoríferos e coloridos num uso mais terreno, neste caso a sua própria beleza, e que a concepção piedosa da estética tenha pouco a pouco evoluído até uma ideia profana. A higiene teve um lugar de honra no EGIPTO dos FARAÓS. Era hábito lavarem-se com carbonato de sódio antes do banho perfumado que amaciava e embelezava a pele. A mulher tomava como dever conservar uma pele branca por oposição aos homens bronzeados devido às suas ocupações ao sol.

Mas essa diferença não basta. A EGÍPCIA pretende chamar a atenção, e, para isso, maquilha a parte do rosto que considera mais expressiva; os olhos. As pinturas são aplicadas a partir de substâncias naturais: hidrossulfato de cobre para o verde, sulfato de chumbo para o negro, «que dá fala aos olhos», ou antimónio para khol.

A garridice não é o único motivo dessas pinturas. O traço verde do negro que circundava os olhos era igualmente destinado a protegê-los contra a reverberação do sol. Nos nossos dias, podemos encontrar esse costume nos jogadores de futebol americanos. O khol fez a sua reaparição no mercado, lançado por uma grande casa de produtos de beleza em versão modernizada e venderam-se frascos de tamanho de dedos a cinco dólares cada, num tempo record. O pedido ultrapassou a oferta: homenagem de uma civilização a outra civilização.

Ao mesmo tempo que o uso dos cosméticos se popularizam no EGIPTO, a GRÉCIA inicia-se nessa nova arte, a que empresta inúmeros requintes. O rosto é tratado com resseito. O olhar é acentua-

do com um pó de cor negra, colocado sobre as pestanas, as quais são depois entesadas com uma mistura de clara de ovo e goma. As faces são untadas com minio e o corpo perfumado com diversas essências: a mirra é recomendada para as pernas, o tomilho para os joelhos e para o pescoço, o óleo de palma para o rosto e para o peito. Todos estes cuidados são aplicados com maior ou menor discrição: As célebres cortesãs gregas não se coíbem de utilizá-los por vezes mesmo com certo exagero.

Os esplendores de BABILÓNIA e a beleza das mulheres não puderam deixar durante muito tempo indiferentes os navegadores romanos, que rapidamente espalharam pelo Império o hábito dos cuidados de beleza. A partir daí, a patricia não se contenta com preservar a sua beleza e põ-la em evidência. Procura além disso aperfeiçoá-la, e essa preocupação é uma viragem na história dos cuidados de beleza. A pele do corpo é fortalecida com manhos de leite de burra e o rosto amaciado e descontraido devido ao uso de uma «máscara nocturna», feita de miolo de pão e leite. A garridice não perde os seus direitos e é costume mascarem salsa para refrescar o hálito. O tristemente célebre NERO, imitando a rainha Helenheres mãe de Chéops, cobre o rosto com greda para acentuar a palidez.

A decadência do Império romano foi acompanhada por um esquecimento progressivo dos cosméticos no início da idade média pelo menos no que se refere ao mundo cristão. Mas cosmetologia encontrou grandes adeptos entre os muçulmanos: aliás o movimento não deixará de acentuar-se até atingir o seu paroxismo no século XII como prova a presença de 5000 hammans só na cidade de Bagdad.

A França na idade média, teve uma atitude estranha em relação aos cuidados de beleza; confundiu cosmetologia e magia. O cosmético foi sinónimo de magia e a magia tornou-se a base da cosmetologia: os métodos de fabricação fazem apelo à botânica, à alquimia e à astronomia e ao charlatanismo. De uma forma geral, só as mulheres da má vida e as ma-lavistas se maquilham. Se o hábito dos cuidados de beleza está pouco difundido não se passa o mesmo com os cuidados higiénicos: os banhos estão em lugar de honra e a lavagem das mãos torna-se habitual antes das refeições. O século seguinte assistirá a uma reviravolta completa da situação: os cuidados com a higiene deixam de fazer parte dos costumes e o uso dos cosméticos torna-se um

De o jornal «Diário de Lourenço Marques»

## MAÇADAS GEOGRÁFICAS

VEJA SE DESCOBRE NOS ANAGRAMAS SEGUINTE OS NOMES DOS NATURAIS DE DUAS CIDADES DAS NOSSAS PROVINCIAS ULTRAMARINAS:

1 — SENTIR NO LUAR

2 — SAL DE NUNES

(Solução no próximo número).

Borges Cunha-Furriel Miliciano

## PENSE E DIGA

QUAIS AS DUAS VILAS METROPOLITANAS QUE ESTÃO OCULTAS NESTAS FRASES:

1 — O REI ABEL DÁ CIRCO

2 — ADELIA, VÁ COMER DOCES

(Solução no próximo número).

DURANTE A TUA VIAGEM, DESDE LISBOA ATÉ MACALOGUE, PASSASTE POR ESTA CIDADE:

1 — MIRA PELOTÃO

(Solução no próximo número).

C.M.S.A.M.

V .....

I .....

L .....

A .....

S .....

E .....

C .....

I .....

D .....

A .....

D .....

E .....

S .....

U .....

L .....

T .....

R .....

A .....

M .....

A .....

R .....

I .....

N .....

A .....

S .....

(Solução no próximo número).

Borges Cunha-Furriel Miliciano

## Lendas da nossa terra

O povo português pela sua maneira de ser, tem uma tendência natural para recordar com saudade, episódios mais ou menos pitorescos, uns verídicos, falsos outros, que nos passam através dos tempos, sempre adornados pela imaginação das gerações.

De um vasto repertório de Lendas, aproveito um, ligado à religião, aliás um grande número de Lendas têm motivos religiosos, o que demonstra bem a devoção do nosso povo.

Assim, a Lenda da Senhora da Nazaré inclui-se neste grupo de Lendas de carácter histórico-religioso.

Segundo a tradição, andava D. Fuas Roupinho a caçar, quando avistou um formoso exemplar de veado, em cuja perseguição se lançou. O nevoeiro era densíssimo naquela manhã de 14 de Setembro de 1182, tão denso que, no entusiasmo da perseguição, D. Fuas Roupinho se viu, de repente, à beira do abismo, para onde o atraíra o veado que segundo a lenda seria o próprio demónio disfarçado. O heróico cavaleiro português invocou, então, a protecção da Virgem e o milagre consumou-se: o cavalo que ele montava ficou suspenso à beira do abismo com as patas erguidas no vácuo. Então D. Fuas mandou levantar naquele local, uma ermida comemorativa do milagre que lhe salvara a vida: a Capela da Memória, que teria sido visitada ainda por D. Afonso Henriques.

Foram muitos os Portugueses que tiveram particular devoção por Nossa Senhora da Nazaré. Entre eles, Vasco da Gama, que ali foi, em romaria, antes de partir para o descobrimento da Índia.

No rochedo denominado «Sítio», que domina o mar, existem duas cavidades atribuídas pela Lenda às patas traseiras do cavalo.

Amigo, se algum dia visitares a Nazaré, não deixes de subir ao «Sítio» e lá irás encontrar tudo aquilo que nesta Lenda te acabei de descrever.

VICTOR DINIZ

# Natal na guerra e paz na terra

(Continuação da página um)

«Caminhos desertos  
Florestas sombrias e nuas de luz,  
Limite de espaços no alcance dos braços  
E o peso das armas nos ombros em cruz  
FACES DOENTES de lírio  
Olhos rubros de martírio  
Sabor de lábios a fel  
Horas de luta perdidas  
Vidas vazias de vida  
Mãos levantadas em queixume  
Misérias sombras e farrapos  
Farrapos na alma e nos trapos  
Tudo o que é dolorido sacrifício  
E tudo o que passou, tudo o que é triste  
TUDO HÁ-DE RENASCER  
TUDO HÁ-DE TRIUNFAR  
POIS PARA ALÉM DE TUDO...»

DEUS EXISTE ...  
É NATAL ...  
NASCEU JESUS ...

«Saiu um édito da parte de César Augusto, para ser recensada toda a terra. Este recenseamento foi o primeiro que se fez, sendo QUIRÍNIO governador da SÍRIA. E iam todos recensear-se, cada qual à sua própria cidade. Também JOSÉ, deixando a cidade de Nazaré, na Galileia, subiu até à JUDEIA, a cidade de DAVID, chamada BELÉM, por ser da casa e da linhagem de DAVID, a fim de recensear-se com MARIA, sua mulher, que se encontrava grávida. E quando eles ali se encontravam, completaram-se os dias de ela dar à luz e teve o seu filho Primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver para eles lugar na hospedaria. Na mesma região encontravam-se uns pastores que pernoitavam nos campos, guardando os seus rebanhos durante a noite. O Anjo do Senhor apareceu-lhes, e a glória do Senhor refulgiu em volta deles, e tiveram muito medo. Disse-lhes o Anjo: «não temais, pois vos anuncio uma grande alegria, que o será para todo o povo: Hoje na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor. Isto vos servirá de sinal para o identificardes: encontrareis um MENINO envolto em panos e deitado numa manjedoura. «De repente juntou-se ao Anjo uma multidão do exército do leste, louvando a DEUS e dizendo:

GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS E PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE. Quando os Anjos se afastaram deles em direcção ao Céu, os Pastores disseram uns aos outros: «Vamos então até Belém e vejamos o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer. «Foram apressadamente e encontraram MARIA, JOSÉ e o MENINO, deitado na manjedoura. E, quando os viram, começaram a espalhar o que lhes tinham dito a respeito daquele Menino. Todos os que ouviram se admiraram do que lhes disseram os pastores. Quanto a Maria, conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração.

E os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus, por tudo o que tinham visto e ouvido, conforme lhes fora anunciado.»

EVANGELHO de S. LUCAS

«NOTA: O escritor deste Evangelho era Médico e Pintor. Escreveu o seu Evangelho entre os anos de 50 e 70 da Era Cristã.»

## É NATAL

É NATAL.  
EM VEZ DE NEVE... HÁ LAMA.  
JÁ CANTAM OS CORAÇÕES  
DE NOBRES GUERREIROS  
DESTE PORTUGAL ETERNO.

É NATAL.  
EM VEZ DE PRESEPIO... A G-3  
OLHOS VIGILANTES NA NOITE  
LÁGRIMAS DE SAUDADE,  
CAEM LENTAMENTE. UMA DE CADA VEZ.

É NATAL.  
EM VEZ DA ÁRVORE... UMA TRINCHEIRA.  
ALMAS CARREGADAS DE ANGÚSTIA,  
SOFREM EM SILÊNCIO.  
RECORDAM A MÃE, O PAI, OS IRMÃOS, A NOIVA.  
PREFUREM O CORAÇÃO COMO UMA FLECHA CERTEIRA.

É NATAL.  
NASCEU O SALVADOR  
CANTEMOS-LHE COM ALEGRIA,  
HINOS DE LOUVOR.

António Ribeiro  
Fur. Mil.º  
3.ª C. Caç./B. Caç. 20

Uma figura que não  
pode ser esquecida  
pelo Natal é a do  
soldado português.

Olhar firme pres-  
crutando o horizonte  
de onde o inimigo  
pode surgir, ele é  
bem o símbolo de  
toda uma raça que  
sabe adaptar-se às  
mais difíceis e duras  
missões, para vencer,  
ainda que sofra. Eis  
o homem da mesma  
têmpera rija, que o  
estrangeiro conhece  
nos mais duros traba-  
lhos e que neles ven-  
ce, com bravura e di-  
gnidade.

A este símbolo, a  
nossa homenagem!

